

## O ENSINO DA LÍNGUA INGLESA EM TEMPOS DE PANDEMIA: UMA TRANSIÇÃO DO ENSINO PRESENCIAL PARA A MODALIDADE REMOTA NAS TURMAS DO ENSINO FUNDAMENTAL II

Loide Muniz dos Reis <sup>1</sup>  
Zaira Dantas de Miranda Cavalcanti <sup>2</sup>

### RESUMO

**Resumo:** O ano de 2020 foi imprevisível. A pandemia da Covid-19 tomou grandes proporções no Brasil e no mundo e a única alternativa foi a ordem de distanciamento social. Sendo assim, todas as instituições foram obrigadas a parar por tempo indeterminado e as escolas precisaram adotar a medida das aulas remotas, o ensino por meio de aparelhos tecnológicos via internet, como solução para o âmbito educativo. Com isso, o que motiva a escolha desse tema é o anseio de relatar nossas práticas pedagógicas durante esse período. Esse estudo tem por objetivo geral relatar como se deu o processo de ensino de língua inglesa em uma escola da rede privada no Ensino Fundamental II, bem como, de modo específico, compreender os desafios de professores no período pandêmico frente à necessidade de utilização de Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC). Trata-se de um relato de experiência baseado em leituras feitas a partir de revisão bibliográfica de teóricos da área, como Rojo (2020), Pinheiro (2018), Puehler; Matsuda (2020) e Oliveira (2014). Desse modo, os resultados obtidos indicam que o ensino da Língua Inglesa (LI) no currículo escolar brasileiro vem tentando ocupar seu espaço e muito temos visto instituições de ensino que têm conduzido o Ensino da LI de maneira a apenas cumprir com o proposto no currículo escolar. Além disso, percebemos que, mesmo com a falta de atenção ao letramento digital por parte das escolas, as TDIC foram inseridas ao planejamento escolar por consequência do distanciamento social, mas é preciso ainda haver formação pedagógica e uma verdadeira valorização das ferramentas tecnológicas dentro das instituições de ensino.

**Palavras-chave:** Tecnologias digitais; Ensino remoto; Língua inglesa.

### INTRODUÇÃO

Com o aumento de casos graves provenientes da Covid-19, em 2020, houve ordem de distanciamento social, mediada pelo governo Estadual do país, para que se evitasse contaminação pelo vírus que já havia se agravado no mundo inteiro.

De forma abrupta, as escolas se depararam com uma realidade que estava fora de seu controle. De repente, não dependia mais do financiamento das famílias, para que as atividades escolares da rede privada voltassem de forma efetiva. A situação emergencial se tornou nacional e o ambiente educacional precisou adotar as medidas de distanciamento social por tempo indeterminado. As instituições educacionais de todo o Brasil precisaram se ajustar para cumprir

<sup>1</sup> Graduada do Curso de Letras da Universidade de Pernambuco - UPE, [loide.reis@upe.br](mailto:loide.reis@upe.br);

<sup>2</sup> Doutoranda em Ciências da Linguagem. Docente do Curso de Letras, Universidade de Pernambuco - UPE, [zairacavalcanti@gmail.com](mailto:zairacavalcanti@gmail.com);



seus horários de acordo com todos os protocolos estabelecidos nacionalmente.

Diante do exposto, esse estudo caracteriza-se como pesquisa experimental, de acordo com os estudos de Ghedin e Franco (2018), quanto à pesquisa sobre a própria prática, para que seja relatada a experiência vivida no período pandêmico, buscando também responder aos seguintes questionamentos: quais motivações nos levaram a revisar os métodos de ensino na transição da aula presencial para a aula virtual? Como a escola da rede privada lidou com essa mudança abrupta de realidade e como se deu a preparação prévia da gestão junto ao corpo docente das instituições privadas quanto ao letramento digital?

Segundo Hargreaves (2010), o estudo da Língua Inglesa (LI) foi disseminado para além das fronteiras americanas, por ser um idioma de caráter universal e há, atualmente, diversas escolas de idiomas no Brasil voltadas para o ensino de LI baseados na imersão ao idioma como forma efetiva de aquisição, pois percebeu-se a necessidade de ensinar o idioma comercial na América Latina, para que se obtivesse mais êxito nas relações socioculturais. Conforme afirma Constantino Cavalheiro, diretor da empresa de recrutamentos, *Catho*, a fluência no Inglês é o maior requisito para contratação de profissionais dos mais diversos ramos (MORETTI *et al*, 2012, p. 6).

Assim, tendo essa aquisição linguística auxiliada por ferramentas digitais como colaboradoras de ensino, esses estudantes são contemplados com formas de pensar e compreender o idioma para além dos livros didáticos, pois vêem exemplos práticos e poderão ser capazes de reproduzir discursos baseados nas informações fornecidas pelas Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) Todavia, há ainda muito a ser explorado pela gestão de escolas públicas e privadas quanto à preparação docente frente ao mundo digital.

Com o desenvolvimento da tecnologia, o cidadão do século XXI se vê na obrigação de alterar várias crenças e modelos até então aceitos. Neste cenário, a educação precisa urgentemente entender seu papel e propor novos modelos de ensino/aprendizagem, para que tanto o professor quanto o aluno possam atingir seus objetivos através de um sistema que atenda suas reais necessidades cognitivas (PUEHLER; MATSUDA, 2020).

Por isso, essa pesquisa pretendeu olhar essas angústias e observar como foram ou ainda estão sendo respondidas por meio de práticas pedagógicas que visam a aquisição da Língua Inglesa nas turmas do Ensino Fundamental de uma cidade, tendo como objetivo geral relatar a experiência do Ensino da LI frente à ordem de distanciamento social, abordando a relação do Ensino de Língua Inglesa com as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC), bem como, de modo específico descrever as dificuldades encontradas no fazer pedagógico no tangente ao Ensino da Língua Inglesa em uma escola particular do interior de Pernambuco, além de abordar as dificuldades em testes de plataformas digitais como *Google Classroom*, *Google Meet*, *Microsoft Teams*, *Instagram* durante a transição do presencial para o online e,



ainda, as propostas reinventadas para aulas online em videoaula e videoconferência nas turmas do Ensino Fundamental.

## **METODOLOGIA**

Partindo do pressuposto de que, de acordo com Gerhardt e Silveira (2009), a metodologia é o estudo do método, dos meios e procedimentos estabelecidos para realizar uma pesquisa, e, ainda, segundo Prodonov e Freitas (2013), que esta compreende estudar, verificar e arquivar ferramentas de pesquisa suficientes para a construção da pesquisa e resolução do seu problema, o trabalho aqui realizado tem o objetivo de relatar como se deu o processo de transição do ensino da Língua Inglesa presencial para o ensino remoto.

Decidimos fazer um Relato de Experiência de abordagem qualitativa, pois, por meio de percepções acerca da temática abordada, expressamos opiniões, visando chegar aos meios de resolução de um problema. Trata-se de um estudo de caráter experimental que visa refletir e buscar maneiras de entender o fazer pedagógico e a percepção dos alunos frente a um novo modelo de ensino completamente novo, embora sejam eles os nativos digitais no século XXI.

Paralelamente, o presente estudo perpassa pela linha do método hipotético-dedutivo, segundo Prodonov e Freitas (2013), pois pretende, através de experiências próprias e resultados observados na execução das aulas ministradas por plataformas virtuais (Google Meet, Microsoft Teams, Google Classroom e Instagram), apontar meios pelos quais o Ensino da Língua Inglesa através de TDICs possa ser realizado. O relato se dá a partir de uma perspectiva pessoal, tendo como principal localização uma escola da rede particular de uma cidade no interior do Pernambuco.

## **LETRAMENTO DIGITAL: CONCEITOS E IMPORTÂNCIA NO CONTEXTO ESCOLAR**

Durante muito tempo, o livro didático foi material de suporte para os professores brasileiros. Sua importância é incontestável, pois estes são fonte de aprendizagem para toda e qualquer área de conhecimento.

No entanto, segundo Chartier (1999), o século XXI foi marcado por grandes avanços da globalização proveniente da Revolução Industrial, entre 1870 a 1920, e do surgimento de novas tecnologias, causando impactos desde a Inglaterra, país de origem, até chegar ao Brasil. Em consequência de tais avanços tecnológicos, o conteúdo informativo, oferecido nos livros dispunha do suporte tecnológico para coleta de informações atuais.

Para conceituar o letramento digital, é preciso saber que há diferentes perspectivas que



definem o letramento como autônomo e em outras perspectivas, como ideológico.

Acerca do termo letramento, Kleiman (1985) apresenta as duas vertentes de significado e defende o modelo autônomo como o ato individual do leitor. Isso porque, nessa perspectiva, o indivíduo não precisa do discurso baseado no contexto social em que vive. A prática de leitura se dá individualmente e é um processo natural que se configura à medida em que o indivíduo vai crescendo e adquirindo suas próprias percepções acerca do mundo ao seu redor.

O letramento ideológico, de acordo com os estudos de Kleiman (1985), define-se como um processo em que, para deter compreensão do mundo ao seu redor, o indivíduo precisa ter bases sociais nas quais se firma o seu desenvolvimento cognitivo, por isso, suas falas, observações, leituras, etc, vão se basear em como a sociedade se forma ao seu redor e como se dá o discurso na sua prática de leitura e escrita. Esse é um processo que depende de outros agentes e não apenas de um indivíduo.

Diante da conceptualização apresentada, entendemos que o letramento digital inclui visões diferentes entre o professor e o aluno, pois, levando em consideração o saber fazer no mundo digital, em termos gerais, boa parte dos estudantes entre 10 e 15 anos possui domínio mais amplo de ferramentas digitais e, por isso, possui uma maior facilidade no âmbito dos jogos e das redes sociais. Já o professor, facilitador do conhecimento, por vezes não detém o conhecimento tecnológico e não entende o quanto as ferramentas podem facilitar o seu planejamento, se observadas com cuidado, atendendo aos parâmetros curriculares e sendo abordadas como propostas que contemplam a realidade desse aluno.

Assim, entendemos a necessidade de pautar o ensino em tecnologias digitais, pois estas se tornaram indispensáveis na rotina dos jovens e adolescentes. Ademais, é necessário trazer o ensino para uma realidade mais palpável, na qual as informações são amplamente diversificadas, os discentes se identificam mais e se sentem aptos a usar as redes como fonte de pesquisa e criatividade, já que estão sempre em contato com os mais variados modelos de criação de conteúdo nas redes sociais.

Por outro lado, o corpo docente, em sua maioria, ainda não entendeu a pluralidade do mundo digital e, se o fez, é com muita dificuldade e/ou resistência que conduz sua adaptação ao letramento digital, pois foi formado no curso superior com uma didática que não concebia o digital como necessidade e possibilidade em um mundo pandêmico (PUEHLER; MATSUDA, 2020). Por isso, as angústias surgem e o professor, de mãos atadas, procura meios de fazer com que a educação continue alcançando seus alunos, embora não mais pelos caminhos tradicionais, mas, cada vez mais em consonância com o modo de vida deste indivíduo.

Se por um lado já existia a necessidade de atrelar as TDICs (Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação) ao plano pedagógico escolar, por outro, o ano de 2020 trouxe uma realidade até então impensável para o planeta: o distanciamento social por consequência de uma pandemia.

Face à nova conjuntura, não é difícil imaginar que muitos docentes tenham se deparado com a mesma situação amedrontadora e a sensação de impotência depois da evidente e agravante emergência do ensino remoto. Tudo porque os professores, em geral, não foram preparados em sua formação, a uma modalidade de ensino que tinha tudo para se tornar efetiva, “não tendo a proporção tecnológica de um mundo inteiramente globalizado” (ROJO, 2021).

Levando em consideração o contexto pandêmico em que o mundo se encontra desde 2020, com a necessidade de distanciamento social e, conseqüentemente, das aulas presenciais suspensas por tempo indeterminado, fizemos uma observação detalhada acerca dessa nova realidade de adaptação nas escolas de todo o país, estudando, reinventando e buscando meios de dar continuidade ao ensino a partir das aulas remotas.

É importante destacar que situações incomuns exigem ações incomuns ou, no mínimo, olhares cuidadosos acerca de tais situações. Quando o país se viu diretamente forçado a viver uma realidade quase que distópica, os professores também se viram sem outra alternativa, a não ser desfazer-se de todo o seu plano regular de ensino e focar no melhor método de instigar a atenção dos alunos em um meio tecnológico (celulares, notebooks, etc.) propício a dispersá-los. Rojo (2021) define esse momento de distanciamento social como benéfico para que se pensasse com mais seriedade nas Tecnologias Digitais dentro do ambiente escolar.

É importante salientar que não existia a visão de necessidade de tecnologias digitais na maioria das escolas, portanto, a formação digital de profissionais da educação não era pré-requisito de contratação em escolas particulares. Puehler e Matsuda (2020) apresentam os termos “estrangeiros digitais” para os profissionais que precisaram realizar a transição do modelo tradicional para um novo modelo nos meios digitais, atrelando comunicação e informação ao uso da internet para a geração conhecida como “nativos digitais”, que são os jovens nascidos na era das tecnologias e que, portanto, estão habituados com as telas de aparelhos digitais. Por esse motivo, a ajuda dos alunos foi um acalento para os profissionais em conflito com a tecnologia.

Conseqüentemente então, para Rojo (2021), o letramento digital alcançou sua valorização no âmbito de gestão escolar. Logo entendeu-se a necessidade de capacitar os professores para o uso de plataformas como Google Classroom, Microsoft Teams e tantas outras facilitadoras de ensino-aprendizagem virtual. Dessa forma, aos poucos, os questionamentos foram sendo confrontados e respondidos com ações, que se faziam mediante esse contexto

pandêmico.

Ademais, as angústias desses profissionais aumentavam ao se deparar com um ensino remoto em que se exigia a comunicação pelos meios tecnológicos, ao sentir o impacto de ter que lidar com uma situação da vida real que não foi estudada na Faculdade e nem no estágio (PUEHLER; MATSUDA, 2020), pois, por mais que os estrangeiros digitais estivessem aprendendo a interagir na internet e nas redes sociais, era preciso dedicação a estudos específicos do ensino, no geral, voltados para o digital.

Hoje, dois anos após a emergente situação pandêmica, muitas práticas foram adaptadas e melhoradas, para que o uso das plataformas digitais se tornasse um aliado na educação, pois, como vemos até os dias atuais, há ainda o uso do Google Classroom para registros de atividades e o Google Meet, plataforma de reuniões virtuais, necessários, ainda, em casos em que não a presença física não é possível.

No entanto, há ainda uma considerável necessidade de melhorias nessas lacunas que durante muito tempo foram se formando. A esperança é que novos professores que, conseqüentemente foram e estão sendo graduandos de licenciaturas em tempos de pandemia, que passaram por essa realidade na condição de estudantes e pesquisadores, tenham mais facilidade em rever seu plano didático, pois sua vivência os possibilita entender a necessidade das TDICs no ambiente escolar, para facilitar a aprendizagem no século XXI.

## **O DESAFIO DO ENSINO DE INGLÊS POR MEIO DA TECNOLOGIA**

Ao se falar de ensino de Língua Inglesa (LI), devemos instantaneamente pensar em formas de imersão no idioma. Ouvir, falar, ler e escrever em inglês são objetivos que devem ser constantemente almejados, para que a eficácia do domínio do idioma seja comprovada e esse domínio é alcançado mediante um convívio pleno com o idioma (FERREIRA, 2008).

Apesar de ter-se alcançado tais melhorias no ensino-aprendizagem do idioma, prosseguir na jornada de ensinar inglês no Brasil nunca foi uma tarefa fácil, pois, por muito tempo o idioma era usado apenas para cumprir carga horária, por fazer parte do currículo nacional. Devido ao inglês ser considerado, na maioria das vezes, como difícil pelos alunos, que já sentem dificuldade com as normas gramaticais do idioma materno, os mesmos não se sentem capazes de atingir o domínio de fala e escrita no idioma e por isso perdem o interesse em aprender. Audi, Costa e Oliveira (2019) destacam que é muito difícil trabalhar todas as habilidades da LI nas escolas.

No contexto de pandemia, Rojo (2021) salienta que essas dificuldades na realização do ensino de LI foram acentuadas e muitos foram os motivos. Inicialmente, o fazer pedagógico parecia limitar-se apenas às videoaulas gravadas, o que dificultava o retorno por parte dos alunos, mas, como era um ambiente novo, os professores se testaram e se ressignificaram, até entenderem



as aulas ao vivo como proveitosas, apesar das oscilações de conexão com interrupções das aulas.

A autora ressaltava que as condições às quais a escola foi submetida na pandemia podem ser consideradas como benéficas para o uso das tecnologias, se for observado que o distanciamento social foi a medida que obrigou as escolas a incluírem as TDICs como forma de interação à distância e, de certa forma, foi o que abriu os olhos do corpo docente, pois sem a obrigatoriedade, a gestão das escolas dificilmente teria a sensibilidade de ver os tempos novos como benéficos na sala (virtual) de aula.

No entanto, é preciso lembrar que, apesar de o acesso à internet ter se tornado fundamental para o bom funcionamento das aulas de inglês, este acesso passa a ser um problema em comunidades que não dispõem de aparelhos eletrônicos ou uma conexão boa de rede e que, conseqüentemente, veem o ensino de LI como uma realidade distante.

## **RELATO DE EXPERIÊNCIA**

Essa seção tem por objetivo relatar nossa experiência na transição do ensino tradicional presencial para a modalidade remota em tempos de pandemia. Tomando como ponto de partida uma escola da rede privada, relataremos as medidas tomadas no início da pandemia, em 2020, até o ano em que foi possível o retorno dos estudantes, de forma presencial, na modalidade híbrida, para a escola, em 2021. Abordaremos cada etapa da experiência e, ao final, traremos sugestões de plataformas que possibilitem um ensino dinamizado, de acordo com nossas práticas e resultados.

O ano letivo de 2020 iniciou normalmente, com aulas acontecendo de forma presencial no mês de fevereiro, na escola em que atuamos com o Ensino da Língua Inglesa. Nesse período, o vírus da COVID-19 era apenas notícia. No entanto, a contaminação se espalhou e o que era notícia, virou fatalidade no mundo inteiro e no dia 18 de março do mesmo ano, foi declarado no Brasil Crise de Calamidade pública. O Diário do Estado do Pernambuco publicou o decreto que deferiu a modalidade de Home Office para as atividades cuja presença física não era indispensável, incluindo as atividades escolares.

Inicialmente, seria apenas uma quarentena de distanciamento para conter a disseminação do vírus. Mas, a contaminação já tinha se agravado e o país começava a entrar em estado de alerta. Os quarenta dias passaram e a escola tomou suas providências. Em abril, a direção da escola em foco convocou a equipe de profissionais para a reunião que decidiria os futuros dias de trabalho, para que não deixassem os alunos sem aulas. Não houve, porém, formação para os estrangeiros digitais. A escola precisava correr para não atrasar o conteúdo e os professores deveriam acompanhar a maratona. O primeiro passo repassado ao corpo docente foi a ideia de utilização da plataforma Zoom para as aulas, que agora seriam virtuais. Contudo, alguns pais de



alunos sentiram a dificuldade em acessá-lo e sugeriram o Instagram como canal de aulas ao vivo, por meio das lives, ferramenta de transmissão ao vivo da plataforma. Depois de consideradas as sugestões, assim foi feito. Nós, professores, fizemos uso de tais plataformas, cada professor atendendo às necessidades e limitações de sua sala.

Entretanto, mais tarde, surgiu a necessidade de uma plataforma que, além de possibilitar lives, como o Instagram, e gravações das aulas, como o Zoom, dispusesse de espaço para armazenamento de atividades e mural de avisos, pois a rede social WhatsApp era entendida como espaço particular dos professores e não ferramenta da escola. A escola sugeriu, então, a plataforma Google Classroom, que atendia a todas as demandas e ainda proporcionava um ambiente para reuniões e/ou aulas: o Google Meet. Iniciava, assim, a jornada de angústias para os professores, a gestão escolar, os alunos e os pais, pois nada acontecia como o planejado e não havia uma única plataforma que englobasse as exigências de todas as partes que constituíam a equipe escolar. Os pais não tinham o domínio de tantas plataformas, além de o espaço de armazenamento dos seus celulares não ser suficiente; os professores também sofriam desse problema de armazenamento. Para os que possuíam computadores, as aulas tornavam-se mais atrativas, devido à elaboração de slides e compartilhamento de vídeos para melhor entendimento, mas nem todos os professores estavam nessa condição.

Por um longo período de tempo, o Google Classroom foi a plataforma mais aceita para avaliação dessas mudanças, pois dispunha de aparatos diversificados de uma sala de aula e, como bem sugere o nome, a plataforma funciona como uma sala virtual, onde o professor publica avisos e atividades, bem como links para revisões e tem acesso às dúvidas dos alunos e entregas dos trabalhos, porém, a versão limitada não dispunha da função gravação de tela, para que as aulas fossem gravadas e contemplassem alunos que, porventura, estivessem impossibilitados de assistir às aulas no momento em que elas aconteciam. Parecia uma proposta plausível, mas pessoalmente as angústias só aumentavam. Nesse período, surgiu a necessidade de mudança da cidade para o interior, onde a situação da internet era ainda mais precária, o que, por um lado, nos possibilitou ter uma perspectiva acerca dos estudantes com a mesma condição ou mesmo os que nem têm acesso à internet.

No entanto, as dificuldades de transmissão e realização das aulas não aconteciam em sua totalidade. Paralelamente, precisamos tomar uma decisão entre as alternativas: videoaula, que eram previamente editadas e enviadas no dia anterior à aula ou videoconferências, aulas ao vivo cuja execução dependia de uma conexão de internet totalmente estável. Ambas opções foram consideradas mediante as limitações de conexão da rede disponível no interior do município. Após consideradas, vídeoaula e aula ao vivo, percebemos que a solução mais viável seria gravar e postar antes, pois assim não dependeríamos da imprevisibilidade do sinal para dar continuidade às aulas. O horário da aula ficava destinado a questionamentos acerca do vídeo publicado e





esclarecimentos de dúvidas concernentes ao conteúdo da disciplina de Língua Inglesa.

Poderia ser mais uma proposta a ser realizada com êxito, não fosse a necessidade de editar e legendar os vídeos para fazer tudo o que estava ao nosso alcance, de modo a atender a todas as necessidades dos estudantes e facilitar o aprendizado que já estava defasado. No entanto, o tempo de edição excedia o período de aulas e passávamos o dia inteiro no processo de gravação, edição, estudos e publicação de um vídeo para cada turma, somando 3 vídeos de 1h por dia, postados impreterivelmente, às 7h da manhã, na plataforma. Essa demanda desencadeou disfunções psicológicas, que fizeram com que tivéssemos insônia, pânico e medo de iniciar um outro dia, sabendo de toda a responsabilidade que viria com o nascer do sol.

Era também uma angústia aceitar que os conteúdos abordados nas aulas online deveriam seguir o livro didático à risca, não inovar e seguir apenas o proposto pelo livro, pois, deveríamos atender às exigências dos pais dos alunos. Por isso, os vídeos eram produzidos com o livro em mãos, para orientação do conteúdo. No entanto, em algumas situações, era possível sugerir atividades alternativas cuidadosamente pensadas, para continuar em consonância com a gestão escolar, que revisava e autorizava a execução da aula diversificada. Na turma do 6º ano, por exemplo, ao estudarmos sobre “Days of the week” e “Months of the year”, foi realizada uma atividade de elaboração de um planner digital, com o uso da planilha do Google e um calendário com o intuito de facilitar a compreensão do vocabulário.

É importante ressaltar que, apesar de lecionar em outras turmas da escola, decidimos manter o relato na turmas do 8º ano, onde encontramos maiores dificuldades no planejamento pedagógico, em manter a atenção da turma e instigar a participação nas aulas e nas atividades. De acordo com o desabafo de outros professores da mesma instituição, acreditamos ter sido esse um problema universal, desencadeado pelas aflições que a pandemia nos trouxe, pois, muitos questionamentos estavam relacionados à escola, aos alunos e à educação no geral, mas também sofriamos pelas notícias de mortes que circulavam o mundo todos os dias. Então, todas as angústias foram sendo atreladas umas às outras até que crises de ansiedade nos impediram de trabalhar.

Durante esse tempo para melhorar a situação de crises emocionais, foram pensados meios de mudança, para que não houvesse mais danos provocados pelo distanciamento social. O primeiro momento de mudança no método de ensino foi quando percebemos que não havia necessidade da lousa branca, como nos moldes tradicionais do ensino presencial, pois as tecnologias digitais nos possibilitavam o uso de legendas nos vídeos, ferramenta útil que substituía a escrita tradicional. Percebendo isso, alterações foram feitas e o processo foi facilitado.

Assim, no segundo momento, utilizamos plataformas de vídeo chamada no horário acordado juntamente à direção para a realização das aulas a fim de que os estudantes pudessem



participar ativamente, expressando suas dúvidas e dando às aulas online a antiga forma do ensino presencial. Nesses moldes, eram utilizados, além do livro didático, slides com imagens demonstrativas, e jogos como facilitadores do aprendizado. As TDICs, nesses momentos, eram de grande utilidade, pois, atreladas aos conhecimentos adquiridos na abordagem do conteúdo, os jogos despertavam a atenção dos estudantes que, durante o momento de auxílio, eram instigadas ao conhecimento no coletivo.

Em 2021, nos preparamos para a volta presencial nas escolas, porém, os estudantes atendiam ao novo regulamento seguindo a medida de aulas híbridas, em dias intercalados, para que não houvesse aglomeração nas turmas, que antes do período pandêmico, se agrupavam em até 30 alunos em uma sala de aula.

De maneira congruente, a gestão da escola fez o possível para integrar sua metodologia a esse novo meio de ensino, implementando as TDICs de forma efetiva e não mais como um modelo distante a ser alcançado, as ferramentas digitais agora se tornavam indispensáveis para que o conhecimento chegasse até os alunos. Para essa transição, mais uma plataforma foi testada, o Microsoft Teams, porém, não havia iniciativa de instrução das tecnologias. Os professores, vendo e conhecendo as angústias de todos, ajudavam uns aos outros e assim, a comunidade escolar ia se firmando em auxílio grupal. Para além da dificuldade com as plataformas que eram sugeridas, as mudanças para os moldes do ensino híbrido dificultavam a concentração por parte de professores e alunos, pois a outra parte da turma que não estava na sala, tentava assistir de casa, com suas conexões instáveis, tendo suas aulas interrompidas por fatores externos e internos relacionados ao ensino à distância.

A necessidade de adentrar no mundo tecnológico nos possibilitou estudá-lo e conhecê-lo, com toda a sua pluralidade. Hoje, é possível perceber as inúmeras fontes de auxílio proporcionadas nas plataformas digitais e, é preciso que o corpo docente se atente para as mudanças que estamos enfrentando mesmo agora com a volta presencial de todos os alunos e não esqueçam das múltiplas funções que o mundo digital agrega à nossa profissão. Se assim o entendermos, seremos capazes de usufruir do que nos é ofertado, sem que percamos a essência do ensino presencial.

Não há eficácia comprovada para um ensino que foi interrompido em 2020 e, defasado, tentou se reerguer em 2022, pois, como bem destacam Santos et al (2020), toda essa situação nos permite visualizar as lacunas nas condições estruturais e no processo formativo que, devido às angústias das novas modalidades, precisaria ser minimamente possível, a começar de um preparo prévio para não se fazer necessária uma longa pausa até a retomada das aulas.

Quando falamos do ensino de LI nesse período, as dificuldades se agravam. Segundo Ferreira (2008), para uma eficácia da aquisição de vocabulário e prática contínua da LI, faz-se necessária a prática das quatro habilidades e, no ensino remoto, as práticas de listening e



speaking, principalmente, eram limitadas pela precariedade de internet e falta de acessos básicos dos alunos a ferramentas tecnológicas. Porém, ainda há tentativas de reestruturação da educação prejudicada por uma circunstância crítica e acreditamos que as tecnologias digitais agora, mais do que nunca, podem e devem ser pensadas em comum acordo com a equipe da escola, para atrelar os conhecimentos gramaticais de LI aos conhecimentos culturais, em áudios, vídeos, músicas, redes sociais e plataformas de streaming, para que se faça possível a verdadeira imersão no idioma por meio das TDIC.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O presente trabalho buscou contextualizar as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC), para mostrar sua importância no plano pedagógico das instituições públicas e particulares, principalmente durante o distanciamento social oriundo da pandemia da Covid-19, relatando nossa experiência na atuação da área de Língua Inglesa (LI).

Observamos, então, que há lacunas evidenciadas no período pandêmico, observadas pela escassez de propostas de letramento digital do corpo docente, pela carência de aparatos tecnológicos disponibilizados pela escola e a falta de vivência dos alunos com ferramentas digitais que possibilite uma experiência eficaz no aprendizado da LI. Ademais, percebemos que, durante esse período, as habilidades da Língua Inglesa não foram completamente exploradas, pois alguns contratemplos decorrentes da conexão com a internet limitavam o contato virtual de fala e compreensão do inglês em alguns momentos. Foi possível compreender a importância das tecnologias digitais para o ensino-aprendizagem da Língua Inglesa no Brasil.

Contudo, há grande desvalorização por parte da gestão escolar quanto à importância da LI no ensino básico no Brasil. Ressaltamos a necessidade da valorização do ensino da LI no país, mediante práticas que possibilitem aos estudantes todos os meios de crescimento no processo de aquisição de um segundo idioma, no âmbito pessoal, profissional e social.

Considerando como objetivo deste estudo, decidimos sugerir plataformas digitais que auxiliem o plano pedagógico e possibilitam ao docente experiências reais com o aprendizado de inglês, para além dos moldes engessados de exemplos gramaticais, atrelando-os a práticas eficazes de Functional English, o ensino da Língua Inglesa orientado de acordo com sua função na sociedade. Entre essas plataformas estão o ESL Brains, ESL Library (ELLI), ESL Pals com conteúdos diversificados em slides e atividades de níveis de acordo com o Common European Framework of Reference (CEFR), que possibilita aos professores encaixar essas plataformas ao uso do livro didático e a sites de jogos, como Wordwall e Kahoot.

## **REFERÊNCIAS**



ALMEIDA, B. O; ALVES, L. R. G. Letramento digital em tempos de COVID-19: uma análise da educação no contexto atual. **Debates em Educação**, Maceió, v. 12, n. 28, p. 1-18, set./dez. 2020. ISSN 2175-6600. Disponível em:

<https://www.seer.ufal.br/index.php/debateseducacao/article/view/10282/pdf>. Acesso em: 10, abril. 2022.

FERREIRA, F. L. **A experiência da imersão na formação do professor de inglês: essencial ou complemento?** Ed. 1. 2008. Disponível em:

[http://www.ppge.ufpr.br/teses/M08\\_ferreira.pdf](http://www.ppge.ufpr.br/teses/M08_ferreira.pdf). Acesso: 20, maio. 2022.

GERHARDT, Tatiana E; SILVEIRA, Denise T. Métodos de Pesquisa, 2009. Disponível em:

<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/52806/000728684.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 20, maio. 2022.

LEFFA, Vilson J. **O professor de línguas estrangeiras: construindo a profissão**. 2. ed., Pelotas: Educat, 2008. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/delta/a/bR7pckcOOkzjFXTdN9bxH5K/?lang=pt#:~:text=O%20livro%20O%20Professor%20de,de%20professores%20em%201%C3%ADngua%20estrangeira.>

Acesso em: 28, abril. 2022.

MORETTI, Lindiane V. et al. A desvalorização do ensino de inglês nas escolas públicas e as consequências para o mercado. **Revista Científica Hermes**, vol. 7, jul/dez, 2012. Instituto Paulista de Ensino e Pesquisa Brasil, Brasil. Disponível em:

<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=477647818010>. Acesso em: 18, maio. 2022

OLIVEIRA, Luciano A. **Métodos de ensino de inglês: teorias, práticas, ideologias**. 1. Ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

PINHEIRO, Regina. **Conceitos e modelos de letramento digital: o que escolas de ensino fundamental adotam?** Linguagem em (Dis)curso – LemD, Tubarão, SC, v. 18, n. 3, p. 603-622, set./dez. 2018. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/ld/a/jGVd8vDLd3SNSJHg9SbmtfH/?lang=pt> Acesso em: 31, mar. 2022.

PUEHLER, Luciane M. F; MATSUDA, Alice A. A Formação Inicial do Professor de Letras: Uma Breve Análise dos Currículos das Faculdades de Curitiba. **Revista Leia Escola**, [S.l.]: v. 20, n. 3, p. 25 - 37, dez. 2020. Disponível em:

<http://revistas.ufcg.edu.br/ch/index.php/Leia/article/view/1926>. Acesso em: 01 mar. 2022.

ROJO, Roxane. **Multiletramentos e TDICs em tempos de Pandemia**. YouTube, 2021.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qp63KQbJX-E>. Acesso em: 06, maio. 2022.